

TRANSFORMAÇÃO NO CAMPO NA BAIXA ROMANIDADE EM PORTUGAL*

Theodor Hauschild

E possível que a imagem, que hoje temos da transformação no campo, durante a baixa romanidade em Portugal, não seja tão clara e rica em exemplos constructivos como na restante Hispânia. Por ocasião do 34 *Corso di Cultura sull'Arte Ravennate e Bizantina*, em 1987, Pedro de Palol, num relatório resumido, citou os lugares e características mais importantes, chamando especial atenção para o facto que, quando apreciamos construções cristãs, apenas nos podemos basear em exemplos conservados no campo (PALOL, 1987, 293), o que hoje já não é bem assim.

O que pretendo aqui é ver a diversidade das comunidades cristãs em zonas rurais, sobre o pano de fundo das transformações que se iniciaram já nos séc. II e IV. Sabemos que no princípio do séc. III foram abandonados municípios como *Munigua (Baetica)*, fenómeno este que não podemos esclarecer suficientemente, nem dizer se os habitantes se mudaram para uma outra cidade ou se passaram a residir no campo. A insegurança sentida nas cidades, depois da invasão dos francos na segunda metade do séc. III, teve certamente, nalgumas delas, como consequência o reforço dos seus muros. Não podemos, no entanto, esclarecer a razão do alargamento das grandes *villae*, e as novas construções em grande estilo, no campo, onde a segurança com certeza ainda era menor. E se olharmos para essas *villae*, vimos que há muito poucas que foram construídas a pensar em protecção. (GORGES 1979, 51).

Há algo que ainda se pode dizer acerca desta nova actividade construtiva do séc. IV no campo, ou seja que através dela se criaram novas colonizações de trabalhadores rurais, que certamente também foram embriões do novo culto do cristianismo, tendo sido responsáveis pela continuação da existência de centros agrícolas.

Parece que o cristianismo teve, em primeiro lugar, um maior número de fiéis nas cidades, onde se formaram comunidades com bispos e diáconos; exemplo disso é *Tarraco*, onde em 259 o bispo Fructuoso e os seus diáconos Auguris e Eulogius sofreram a morte por martírio. Também entre os militares muitos eram cristãos, facto comprovado pelo elevado número de mártires. Em todo o caso, o mapa de distribuição de locais que foram sede de bispado (38), mencionados nas actas do Concílio de Elvira (entre os anos 300 e 309), dá-nos uma ideia da quantidade de comunidades cristãs existentes na Hispânia, mesmo tratando-se de locais nas imediações de Elvira, próximo de Granada. Para Portugal é interessante que os bispos Vicências de Ossonoba e Quintiano de Eborá estivessem presentes em Elvira, apesar da grande distância que tiveram de percorrer (VIVES 1963, 1).

Não obstante a maior importância das cidades, há no campo muito cedo indícios da penetração do cristianismo, mesmo que seja, por exemplo, sob forma de um monograma de Cristo no mosaico pavimentar, como na *villa Fortunatus*, perto de Fraga, na província de Huescar.

Como Gorges menciona no seu livro sobre *villae* romanas, é sobretudo na Hispânia que existe um elevado número de *villae* grandes e ricas do séc. IV (GORGES 1979, 55). Elas foram erguidas passada a crise económica e as invasões das tribos

* Texto apresentado na comunicação da reunião em Lisboa. Agradeço as indicações do Dr. Arbeiter. A tradução do texto alemão deve-se a Ana Katharina Karrer.

germânicas, no séc. III, e têm como base a nova estabilidade que se instalou na Hispânia com a reforma na época de Diocleciano e também na de Constantino. Esta mudança para o campo terá a ver possivelmente com o facto de as famílias romanas abastadas terem abandonado as suas casas na cidade para fugirem aos elevados impostos. As dimensões das *villae*, e sobretudo a diversidade e a riqueza das formas da sua planta, são prova não só de uma nova prosperidade das famílias que se estabelecem, na sua maioria, nos seus latifúndios mas também de um nível cultural semelhante ao da vida na cidade nesta época. As cidades tornam-se por vezes infortáveis, a vida cultural quase impossível. Sabemos, por exemplo, através das novas escavações de Dias Diogo no teatro de Lisboa, que este, no séc. IV, já não tinha qualquer função por nele terem sido construídas habitações. Isto é interessante como pano de fundo para a vida luxuosa no campo e, aí, o início do cristianismo, e vale a pena olharmos para algumas destas grandes *villae*. Menciono aqui alguns exemplos da restante Hispânia.

Parece ser relativamente modesta a *villa* de Centcelles (Tarragona), na qual, em meados do séc. IV, foi provavelmente sepultado o imperador Constâncio, filho de Constantino, o Grande (Schlunk, 1988, 154). Trata-se de uma construção comprida com pórtico, certamente sobretudo orientada para a representação, facto que se exprime através das duas grandes salas centrais. A alteração na época paleocristã consistiu na instalação de uma cripta na sala circular com nichos, cuja forma faz pensar num mausoléu do tipo central. Juntamente com esta cripta foi executado o grandioso mosaico na cúpula, com representações de temas cristãos no friso do meio. Não vou entrar em pormenores sobre a particularidade delas no âmbito da arte paleocristã, pois a cúpula é geralmente conhecida. Apenas quero referir brevemente a interpretação, recentemente dada por Achim Arbeiter à construção, como sendo o resultado da transformação do edifício pelo imperador Magnêncio, usurpador de Constâncio (ARBEITER 1989, 289, ss.). Em Centcelles é o rompimento total com a tradição residencial e agrícola do local. Como consequência, as divisórias anexas à sala central não foram acabadas nem utilizadas até à Idade Média. O tipo desta *villa*, de forma alongada, vamos reencontrar em Portugal na *villa* de São Cucufate, na Vidigueira (ALARÇÃO ETIENNE, MAYET, 1990). Aquí todavia sem um representativo centro sob forma de uma sala abobadada como em Centcelles, mas com dois pisos, dominando as

restantes dependências rurais. A representação exprime-se neste caso pelos dois pisos e a configuração totalmente concentrada no exterior, ou seja, sem peristilo interior. A última ampliação, com as grandes salas absidiais, também já não foi executada, acontecimento este que o edifício de São Cucufate partilha com outros projectos construtivos de grande estilo da época romana tardia. Penso na grande sala com absides opostas em Bruñel (Prov. Jean), que, exactamente por causa dessas absides, poderia ser vista como percusora deste tipo de basílica cristã. Tanto aqui como em São Cucufate o edifício romano tardio não é uma ampliação da *villa* mais antiga, mas um projecto completamente novo, tendo-se renunciado ao peristilo. Uma continuidade em época cristã é testemunhada pelos enterramentos na pequena construção do tipo «templo de galeria». Voltarei mais adiante a este assunto.

Existe uma riqueza de formas surpreendente nesta época romana tardia. A par das grandes *villae* do tipo alongado, surgem construções com planta rigorosamente axial, simétrica, com peristilo ou pátio central. Conseguem-se assim efeitos de espaço que ultrapassam uma forma habitacional normal, tanto mais que, como na *villa* investigada por Pedro de Palol, em Olmedo (prov. Palencia), a repetição simétrica de salas não é, propriamente, uma forma de habitação prática (PALOL, 1974, fig. 3). Reflecte-se aqui a influência de edifícios grandes da classe social superior, erguidos com peso na importância do efeito e nas exigências do proprietário, ao que corresponde também a extremamente rica decoração com mosaicos pavimentares, em Olmedo com as conhecidas representações de Teseu e Ulisses, noutras *villae* com imagens de difícil interpretação, como por exemplo o mosaico dos sete sábios, em Mérida, na rua Holguin.

São temas que exprimem a pretensão do proprietário de estar ligado a uma cultura que tem a ver com o mundo grego e, assim, pertencer à elevada classe social.

As *villae* que sofreram uma ampliação ou transformação na época romana tardia não se encontram só na periferia das grandes cidades, onde eram uma espécie de complemento da vida urbana, mas também no campo, onde tinham a função de centros das alterações sociais, culturais e económicas. Isto está bem patente na *villa* de Torre de Palma, perto de Monforte, nos importantes mosaicos com temas que incluem Hércules e as Musas, bem como nos grandes complexos de produção agrícola. Esta *villa* está a ser novamente estudada por Stephanie Maloney.

Quero chamar a atenção para o facto que aí deve ter havido uma continuidade habitacional até ser erguida a basílica de três naves, cuja fundação se supõe já no séc. IV e a qual, de acordo com a forma do baptistério (um anexo), ainda existiu até ao fim do séc. VI e talvez ainda no início do séc. VII. Nem aqui nem na série de outras *villae* com mosaicos do séc. IV, em Portugal, existem sinais cristãos como os já mencionados da *villa* Fortunatus, onde o monograma de Cristo aparece juntamente com o nome do proprietário. Mais tarde, provavelmente no séc. VI, foi construída uma igreja por cima de partes dessa *villa*, de tal forma que se pode pensar que talvez se tenha tratado de uma interrupção do período residencial. No entanto, surge também a pergunta se teremos aqui uma continuação de habitação e de utilização de divisórias por antigos serviçais, quer dizer libertos e escravos.

A mesma questão põe-se para a continuidade habitacional em Torre de Palma, onde a igreja é interpretada por Jorge Alarcão como sendo, eventualmente, uma igreja privativa, ou seja pertença da família de um abastado proprietário. Também na *villa* de Pisões, Beja, achados de cerâmica provam uma continuidade habitacional, sem que, porém, até à data tenha sido comprovado um edifício de culto cristão.

Surgem perguntas semelhantes para a *villa* de Cardílio, Torres Novas, uma *villa* de peristilo, onde existem mosaicos riquíssimos (AFONSO DO PAÇO, 1964, 81). Também a *villa* do Rabaçal, que está a ser escavada por Miguel Pessoa, pertence a este tipo de *villa* da época romana tardia com planta octogonal. Na *villa* de Terrugem (Elvas) foi recolhida uma pequena colher de prata com a legenda *Aelia vivas in Christo*, o que pressupõe uma cristianização.

Jorge de Alarcão apontou para o facto que em quase todas as *villae*, mas também nas cidades, as séries de moedas acabam com Honório, como se seguidamente as *villae* tivessem sido abandonadas (ALARCÃO, 1983, 127). É no entanto possível que tenha a ver com a circulação monetária geral, que estagna a partir desta época. Uma moeda de Honório, presa na argamassa de um mosaico, no Monte do Meio (Beja), indica que, pelo menos neste período, as *villae* ainda eram decoradas com mosaicos.

Durante as recentes escavações na *villa* romana do Monte da Cegonha, no Alentejo, sobre as quais Rafael A. E. Alfenim teve a amabilidade de me informar, apareceu, construída dentro das salas, uma pequena igreja de três naves, cuja fundação

possivelmente data já do séc. IV. Rafael Alfenim irá falar sobre o edifício e a sua problemática. Em todo o caso parece-me ser um exemplo importante e de destaque para a temática em questão. O edifício é, assim, o exemplo mais antigo e, até à data, único de uma sala de culto dentro de uma *villa* que, não obstante as reduzidas dimensões, apresenta três naves.

Um outro exemplo de uma *villa* com construção interior talvez cristão, é o complexo do Montinho das Laranjeiras, no Algarve, escavado já no séc. XIX por Estácio da Veiga. Justino Maciel realizou novas escavações e apresentará aqui os resultados obtidos. Só quero dizer que a planta de Estácio da Veiga é de uma igreja em forma de cruz com abside rectangular, semelhante à das igrejas do séc. VII no norte da Península Ibérica (Hauschild).

Uma *villa* romana que cresceu desde o séc. I e foi decorada, no séc. IV com ricos mosaicos pavimentares e aumentada por meio de um edifício de culto, utilizado mais tarde como igreja, é o conjunto de Milreu (Estoi) (HAUSCHILD, 1984, 101 ss.). Trata-se de um espaço escavado no séc. XIX por Estácio da Veiga, hoje já não visível em toda a extensão, pois grandes partes foram recobertas para as terras serem reutilizadas para a lavoura (Estácio da Veiga).

A planta de Estácio da Veiga menciona quase todos os elementos pertencentes à *villa rustica*, quer dizer a parte residencial com o peristilo central e as termas adjacentes, a zona das dependências rurais com o lagar, naquele tempo apenas escavado em parte, e ainda as estreitas salas alinhadas, que podem ser interpretadas como armazéns ou, eventualmente, alojamentos dos trabalhadores. Uma outra zona que também pertence ao conjunto da *villa* abrange os dois monumentos funerários, que foram reconhecidos como tais no decorrer das escavações mais recentes. O quarto elemento, extraordinário, é um edifício de culto, conservado ao lado da parte residencial, separado dela por uma via. Trata-se de uma espécie de ninfeu, cuja construção, de acordo com os resultados obtidos através das últimas escavações, data da primeira metade do séc. IV d.C.

Enquanto que na planta de Estácio da Veiga não se reconhece uma separação das fases de construção, quer dizer, não se vê quais são as mais recentes, podemos dar alguns esclarecimentos agora, estando na posse dos resultados preliminares das escavações. A parte residencial mais antiga situava-se na zona a sul do peristilo, em todo o caso foi aí que se encontraram estratos com cerâ-

mica do séc. I d.C. Também as dependências rurais datam, em parte, do fim do séc. I e foram provavelmente utilizadas até ao séc. IV, tendo sido então parcialmente cobertas por divisórias para habitação, que progressivamente se foram alargando. Este facto pode ser comprovado pela existência de um tanque da prensa de vinho. Fica na dúvida se as dependências rurais (lagar) foram, no séc. IV, deslocadas para uma outra parte do complexo da *villa* ou se foi alterada a forma de exploração.

Lamentamos não ser conhecido o nome do proprietário da *villa*, pois os achados de três retratos imperiais, de Agripina, Adriano e Galieno, apontam para uma família importante. A decoração de pavimentos e piscinas com mosaicos de grande qualidade, no séc. IV também com motivos figurativos (marítimos), destaca esta *villa* de entre outras existentes no Algarve. A representação de peixes com linhas que parecem traçadas a pincel e a delicadeza da execução dos olhos ultrapassam os motivos semelhantes, por exemplo nas casas da capital *Augusta Emerita*, e são comparáveis a mosaicos no norte de Portugal, na província Gália, em Braga, onde se torna evidente que pela mesma oficina foram executados vários trabalhos. Como particularidade deve ser visto o santário aquático, junto à *villa*, que se conservou até às abóbadas. A forma do santuário, com a *cella* quadrada e a abside com larga colunata, que a envolve, baseia-se no tipo de templo de galeria, que conhecemos da Gália, Germânia e Britânia. Acabadas as escavações mais recentes, posso dizer que a abóbada foi decorada com mosaicos com fundo de ouro, e na *cella* um *opus sectile* com figuras humanas e também cavalos, semelhantes às representações, em *opus sectile*, da época romana tardia de Junius Bassus, em Roma, ou às de Ostia. O mencionado tipo de templo é uma forma da arquitectura da baixa romanidade que passou as fronteiras, pois na Hispânia não há uma tradição do templo de galeria. Durante escavações do séc. XIX em Milreu, foi encontrado, no centro da *cella*, um tanque, do qual fazem parte caleiras de entrada e saída de água. Visto que as aberturas foram feitas simultaneamente com a construção da *cella*, o tanque pertence obviamente ao projecto construtivo original. Podemos, por esta razão, ver no edifício um santuário aquático, interpretação que condiz com o friso exterior com representações de peixes, na parede do pódio.

O esplendor deste edifício de culto pagão, numa zona distante dos grandes centros, é tanto mais extraordinário quanto o Concílio de Elvira se realizou pouco tempo antes –no qual a presença do

bispo Vicêncio de Ossobona (a cidade de Faro) é provada através da sua assinatura –ao qual se seguiu, pouco depois, a proibição geral de cultos pagãos. Podemos supor que eles se praticaram apenas durante um curto espaço de tempo. Que o edifício tenha sido transformado num local sagrado cristão, já no séc. IV ou no séc. V, é uma suposição que fica por esclarecer. A piscina baptismal, erguida, provavelmente no séc. VI, sobre sepulturas mais antigas, no pátio junto ao edifício, é uma prova segura de transformação. O início da prática do culto cristão deverá datar-se certamente em época anterior, pois as sepulturas em tijolo foram respeitadas quando foi instalada a piscina baptismal. Uma fotografia mostra a placa de cobertura intacta, que serviu de base aos degraus da piscina. O tipo de construção das sepulturas e, sobretudo, a curiosa argamassa vermelha, são idênticos aos de um pequeno mausoleu a leste, junto ao patamar do pódio, o que permite dizer que este mausoleu deve ser datado em época anterior, ou seja eventualmente já do séc. V. A planta mostra um espaço interior quase quadrado, de 2,60 por 2,65 m, com um pequeno nicho circular, de 0,80 m de diâmetro, a leste, e a entrada no lado ocidental. Contrafortes exteriores serviam para aumentar a resistência ao empuxo da suposta abóbada. Comparando a mencionada planta com o espaço quadrado da *cella* do santuário, pode pensar-se numa cópia, em ponto pequeno, tendo a abside apenas um valor simbólico, pois não é suficientemente grande para receber um altar. No século passado foram encontrados, no seu interior, restos de 3 sepulturas (HAUSCHILD, 1980, 205).

De modo geral conhecemos na Hispânia mausoleus isolados com abside, apenas do início da era cristã, como, por exemplo, o monumento de La Alberca, Murcia, que tem semelhanças com o de Marusinac, ou o mausoleu de La Cocola, na província Badajoz; podemos mencionar aqui também a igreja de mártires de Marialba, próximo de León, sendo nos dois últimos a abside o local dos enterramentos. Na época visigótica as sepulturas são, na sua maioria, instaladas no espaço da basílica, mais raramente em pequenos anexos, como por exemplo em Tarragona, na basílica do anfiteatro do séc. VI (TED'A, 1990, 205). Das igrejas da segunda metade do séc. VII não conhecemos nenhuma com um monumento funerário perto como anexo. Com base nestes dados gerais não se pode excluir, portanto, que o pequeno mausoleu em Milreu pertença à época paleocristã e que eventualmente deva ser visto em ligação com a família do proprietário da *villa*, uma vez que foi instalado directamente junto à entrada.

Um segundo pequeno mausoleu, provavelmente datável em época posterior, situa-se no exterior, junto ao muro oeste do espaço de culto, contendo também 3 sepulturas. As investigações arqueológicas não podem dar resposta à questão se se trataria aqui das sepulturas de descendentes da abastada família do proprietário do séc. IV. Na zona da *villa* não foram encontrados vestígios de destruição ou uma inequívoca interrupção da continuidade habitacional. Uma das causas da falta de informação é que o complexo foi, em parte, escavado já no séc. XIX, não sendo possível formar uma opinião com base em moedas ou achados de cerâmica.

Quanto à utilização de um edifício pagão para o culto cristão, quero chamar a atenção para os resultados das investigações em São Cucufate onde, numa construção semelhante à de Milreu, foram também encontradas sepulturas cristãs.

A reutilização de uma placa de mármore decorada, da época visigótica, como cobertura de uma sepultura, foi também aqui considerada prova de um culto cristão, pelo menos a partir do séc. V. Parecem ser de outro período as duas salas, uma com abside que sobressai na planta, a outra com um banco circular no interior, possivelmente aí instalada para o culto cristão (ALARÇÃO, ETIENNE, MAYET, 1990). Fica na dúvida se a abside circular deve ser realmente interpretada como piscina baptismal ou se tinha uma outra função, eventualmente no contexto de um convento. A origem na Catalunha, do culto do santo de São Cucufate, levanta outras questões, que aqui evidentemente não podem ser discutidas.

A instalação de salas para o culto cristão exatamente no espaço residencial de *villae*, tal como foi comprovado em São Cucufate e no Monte da Cegonha, e da qual não há exemplos na restante parte da Província Lusitânia, nem nas outras províncias da Hispânia, deverá ser, na verdade, separada de exemplos em que foi erguido, junto de uma *villa*, um edifício isolado, como em Torre de Palma, onde a igreja apresenta dimensões que talvez fossem pensadas para albergar não só os fiéis de uma *villa* como também de outras povoações. Em Casa Herrera, Mérida, supõe-se que a igreja, com absides opostas, tenha sido, como em Torre de Palma, uma espécie de centro de uma grande zona agrícola. É significativo que este edifício de Casa Herrera fosse utilizado mais tarde, após a ocupação islâmica, também como mesquita, o que aconteceu em Milreu, onde numa coluna foram encontrados versos do Alcorão.

Um outro exemplo de uma igreja, que talvez não tenha sido erguida junto a uma *villa*, situa-se em Vera Cruz de Marmelar: uma construção em silhares, pertencente provavelmente já à segunda metade do séc. VII, o que é sugerido pela decoração da janela, que tem semelhanças com formas que encontramos em Nave. Da planta apenas se conservaram algumas partes.

Para as igrejas do séc. VII, conservadas na região rural, na parte norte da Lusitânia, ou seja em Balsemão e S. Gião de Nazaré, há eventualmente outras condições prévias, que têm a ver com a fundação de conventos, então comum. Havia, assim, já na época ariana, testemunhos da existência de igrejas na posse de particulares, para as quais se tentou obter o estatuto de convento, para se poder usufruir de certos privilégios. Torres López (TORRES LÓPEZ, 1929, 83) serviu-se deste facto como base para a sua teoria sobre a origem de *iglesias propias*. Durante o Concílio de Lérida, em 546, o cânone 3 diz respeito à condenação da prática de leigos fundarem igrejas *sub specie monasteri*, quando nelas não existe realmente uma comunidade monástica, cujas regras foram autorizadas por um bispo (ORLANDIS, 1954/56). Um século mais tarde também S. Frutuoso descreve o abuso não tolerável de leigos, que viviam com as suas famílias em pseudo-conventos.

Sobretudo a norte, na Galícia, os conventos aparecem bastante cedo, o que se sabe, por exemplo, através de relatórios existentes em Varirão (Douro), onde Marispalla em 485 construiu uma igreja ou um convento (Fray Justo Perez de Urbel, *Los Monjes Españoles en la Edad Media*). Mais tarde, foi principalmente S. Martinho que, depois de ser bispo do mosteiro de Dume, em 561, interveio na zona dos suevos em favor a novas regras eclesiásticas.

De acordo com todas estas fontes de informação devemos supor que talvez algumas das mencionadas igrejas, instaladas na zona das *villae*, tenham exercido a função de conventos sem que tal transpareça na forma das construções.

Além do túmulo bem conservado de S. Frutuoso, em Braga, na importante igreja de Dume, onde recentemente se iniciaram escavações, e do edifício de Sta. Marta de Falperra, Braga, que pertencem à série de comunidades cristãs, existem duas construções, não situadas junto de povoações, que, de acordo com o seu tipo constructivo e a sua forma, devem datar já do séc. VII. De uma delas, a igreja de São Pedro de Balsemão, perto de Lamego (Alto Douro), só se conservaram a parede da abside com o arco em ferradura e partes de muros da nave central. As

impostas debaixo do arco, que se baseiam totalmente em formas decorativas da cultura castreja, mostram de que maneira a ornamentação dessa época pode ter sido influenciada por tradições locais. Este fenómeno só é compreensível através do facto de se tratar de pequenas comunidades fechadas, nos vales, possivelmente até de um pequeno convento. Por outro lado, no túmulo de S. Frutuoso, em Braga, provavelmente da mesma época, a arte da execução de capitéis e impostas associa-se conscientemente a modelos romanos e bizantinos.

A outra construção, a igreja de S. Gião de Nazaré (Estremadura), está conservada com muros altos, estando destruídos até às fundações apenas a abside rectangular e uma ala da nave transversal. Helmut Schlunk, com base nos trabalhos de Borges Garcia e Fernando d'Almeida, chamou a atenção para a particularidade do edifício, no que diz respeito à separação pronunciada de coro e sala de leigos, que se exprime então na arquitectura, servindo a nave transversal dividida por colunas, de coro. Esta disposição pode apoiar-se, assim o afirma Schlunk, no cânone 18 do 4.º Concílio de Toledo (663), durante o qual foi exigida a separação de altar, coro e sala de leigos. Separações semelhantes, mas não tão pronunciadas, podem ser reconhecidas em Sta. Comba de Bande e S. Pedro de la Mata. Em S. Gião, a situação da porta, que do exterior conduz à parte do coro, e a comparação com disposições parecidas em igrejas conventuais, permite pensar que se trata também de uma dessas igrejas. De destacar aqui são a decoração simples das impostas com cruces, debaixo do arco da porta da parede separadora, a *bema*, e os pequenos capitéis com folhas por cima das colunas da nave transversal. Visto que Achim Arbeiter, na sua exposição, falará desta igreja, quero referir apenas brevemente a disposição especial na planta com a nave central, completamente separada das salas laterais, semelhante à da igreja palaciana de Reccópolis (Guadalajara).

Se podermos, portanto, partir do princípio da fundação de um convento por monges, que se isolaram numa zona distante das povoações, neste caso as dunas do Atlântico, nem sempre se pode reconhecer sem equívoco, em outros exemplos de igrejas junto a *villae*, se eram igrejas particulares ou de convento, ou centros eclesiásticos para um número de comunidades rurais. Uma resposta só poderá ser obtida através de mais escavações arqueológicas. As novas investigações, por exemplo, no Monte da Cegonha, em Portel, em São Cucufate, em Cascais, no Montinho das

Laranjeiras e em Torre de Palma, indicam que, num futuro não muito longínquo, surgirá uma nova imagem da transformação no campo durante a baixa romanidade em Portugal.

BIBLIOGRAFIA

- ALARCÃO, J. DE, 1983. Portugal Romano, 127.
 ALARCÃO, J. DE; ETIENNE, R.; MAYET, F., 1990. *Les villas romaines de São Cucufate (Portugal)*.
 ARBEITER, A., 1989. Der Mosaikschmuck des Grabbaues von Centelles und der Machtwechsel von Constans zu Magnentius, *Madridrer Mitteilungen* 30, 289 ss.
 FERNÁNDEZ CASTRO, M. C., 1982. *Villas Romanas en España*.
 GORGES, J.G., 1979. *Les villas Hispano-Romaines*.
 HAUSCHILD, T., 1980. Milreu, Estoi (Algarve), *Madridrer Mitteilungen* 21, 1989 ss.
 HAUSCHILD, T., 1984. A Villa Romana de Milreu, Estoi (Algarve), *Arqueologia* 9, 94-104.
 HAUSCHILD, T.; ARBEITER, A., 1993. *La Villa Romana de Centelles*.
 HELENO, M., 1962. A villa lusitana-romana de Torre de Palma (Monforte), *O Arqueólogo Português*, Nova Série 4.
 MALONEY, S., 1992. The early Christian complex of Torre de Palma (Monforte, Alentejo, Portugal) em: *IV Reunião de Arqueologia Cristã Hispânica*, Lisboa.
 ORLANDIS, J., 1954-1956. *Estudio sobre Instituciones Monasti medievales, Origenes del Monaquismo Duplice*.
 PAÇO, A. DO, 1964. Mosaicos romanos de la Villa de Cardilius en Torres Novas (Portugal), *Archivo Español de Arqueología*, 37, 81 ss.
 PALOL, P. DE, 1974. *La villa romana de la Olmeda, Pedrosa de la Vega (Palencia)*, Excavaciones de 1969 y 1970. Fig. 3.
 PALOL, P. DE, 1987. Arquitectura paleocristiana en Hispania, em: *34º Corso di Cultura sull'Arte Ravennate e Bizantina*, 291-300.
 PALOL, P. DE, 1994. L'Arqueologia Cristiana Hispânica després de 1982, em: *III Reunió d'Arqueologia Cristiana Hispànica* (Maó, 12-17 de setembro de 1988), 3 ss.
 PÉREZ DE URBEL, FRAY JUSTO, 1969. *Los monjes españoles en la Edad Media*, I.
 PESSÔA, M.; PONTE, S. DA, 1984. Sondagens no Rabaçal (Penela). *Arqueologia* 10, 113 ss.
 PESSÔA, M., 1992. Vila Romana do Rabaçal, Penela (Coimbra) em: *IV Reunião de Arqueologia Cristã Hispânica*, Lisboa.
 POSAC, C.; PUERTAS, R., 1989. *La Basílica Paleocristiana de Vega del Mar (San Pedro de Alcántara, Marbella)*.
 ESTÁCIO DA VEIGA AFFONSO DOS SANTOS, M.L., 1972. *Arqueologia Romana do Algarve*, 179 ss.
 SCHLUNK, H.; HAUSCHILD, T., 1978. *Die Denkmäler der frühchristlichen und westgotischen Zeit*. Hispania Antigua.
 SCHLUNK, H., 1971. Die Kirche von S. Gião bei Nazaré (Portugal), *Madridrer Mitteilungen*, 12, 205 ss.
 SCHLUNK, H., 1988. *Die Mosaikkuppel von Centelles*.
 TED'A., 1990. *L'Amfiteatre Romà de Tarragona, la basílica visigòtica i l'església romànica*.
 TORRES LÓPEZ, 1929. El origen de las "iglesias propias", *Anuario de Historia del Derecho Español* 5, 83-217.